

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do Lampião da Esquina

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUMO

Nos questionamos a todo tempo quais os papéis dos livros da literatura no mundo e a quem elas atende e interessa, e quais os papéis das mídias na mediação e divulgação de literaturas Outras. A questão maior que nos guia é nos questionarmos sobre o papel do Lampião da Esquina na midiaticização de autores e livros voltados para o público gay e lésbico brasileiro. Entre a década de 1970 e 1980 o jornal Lampião da Esquina, que tem entre seus idealizadores Darcy Penteadó, o livro e a literatura não apenas como um aspecto estético e de lazer. Neste estudo navegamos em conjunto – autoria e leitores – em uma possibilidade de leitura da memória literária voltada para pessoas que se entendem e se reconhecem enquanto Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e outros mais (LGBTQIA+). Enfim, observa-se que a literatura para o Lampião da Esquina era um agente emancipador, que ao representar o mundo o livro poderia transformar os seus leitores.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura homoerótica. Literatura sáfica. Lampião da Esquina. Memória e Patrimônio.

ABSTRACT

We constantly ask ourselves what the role of literature in the world is and who they serve and interest, and what role the media plays in mediating and disseminating about the *Other* in literature. The main question that guides us is to ask ourselves about the role of Lampião da Esquina in the mediatization of authors and books aimed at the Brazilian gay and lesbian readers. Between the 1970s and 1980s, the newspaper Lampião da Esquina, whose founder was Darcy Penteadó, considered books and literature not only as an aesthetic and leisure aspect. In this study, we navigate together – authors and readers – in a possibility of reading the external literary memory for people who understand and recognize themselves as Lesbians, Gays, Bisexuals, Transsexuals and Transvestites, Queer, Intersexuals, Asexuals and others (LGBTQIA+). Finally, note that the literature for Lampião da Esquina were an emancipating agent, which by books could representing the world could transform its readers.

KEYWORDS

Homoerotic literature. Saphic literature. Lampião da Esquina. Heritage and Memory.

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do Lampião da Esquina

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

1 O DISCURSO INICIAL

O chamado a que se pretende realizar nesse estudo é um convite ao leitor para se deslocar do seu cotidiano. É aguardando, por quem vos escreve, que quem quer que esteja a ler estas páginas seja ávido às informações. Espero, de mesmo modo, que a sua jornada de vida tenha sido transpassada por diferentes leituras. Pois, um desejo que abriga no pesquisador das bibliotecas, livros e leituras é o de descobrir quais são os livros dos seus leitores e, não obstante, idealizar sobre os leitores e seus possíveis livros. Logo, o que este estudo se propõe em diálogo, mediado pelo papel e signos linguísticos, é uma intriga pública, A sua finalidade é de demonstrar como gestos constroem e destroem a memória do mundo.

O livro é, aqui, pensando como uma invenção tecnológica que ampliou as capacidades de comunicação dos seres humanos, das mais possíveis pertencas étnico-raciais, religiões e credos, gêneros e sexualidades, das mais distintas classes sociais e, de qualquer lugar no mundo onde a arte impressa possa ter chegado. Esta visão holística permite que as suas capacidades garantam e assegurem que as palavras contidas em suas páginas sejam devoradas por olhos, mastigadas por mentes e absorvidas nos corações.

Os conteúdos de um livro – as representações do conhecimento humano – são levados para diversas partes do mundo por meio da literatura escrita por diferentes pessoas. São pluralidades culturais disseminadas por meio das palavras. Cabe informar que, as palavras escritas não são o único meio de disseminar o conhecimento humano, mas é impossível dizer que essa tecnologia não transformou o mundo.

Como toda lufada de sorte tem o seu golpe de revés, aqui insiro uma leva de augúrios que possam vir a interromper a epopeia hercúlea de um livro. É certo que, em algum lugar, as páginas de um livro já correram riscos de serem levadas pelas águas, apagadas pela poeira dos tempos, carbonizadas pelo fogo ou destruídas por ações censoras da humanidade. Sim!... As zangas que dirimem um livro se estendem para as figuras animaiscaas que ceifam as suas tramas de celulose – se este for um livro contemporâneo e não digital. Seja este animalesco traduzido

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do Lampião da Esquina

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

pelas ações naturais de um besouro em quarto ou práticas dogmáticas de um homem a atear fogo, ambos tem a capacidade de destruir as fontes de saber (os livros).

Pelo homem são aplicadas as mais cruéis técnicas de extermínio e autoextermínio, pois quando este se propõe a destruir livros ele destrói a imagem de si e a do *Outro*. Pois, o gesto de dizimar histórias explicitadas em livros irrompe no apagamento do conhecimento do mundo. Penso que, é impressionante que, frente a tamanha capacidade dos humanos de contar e recontar – produzir narrativas e histórias – tenha no seu verso a mesma proporção de destruir, eliminar e segregar. Observa-se de mesmo modo que as literaturas que poderiam atender a um ou a outro leitor diversas vezes são depreciadas por hierarquias e hegemonias. Se um livro por si só carrega subjetividades para além do que deseja expressar, o apagar do conhecimento registrado pode estar automaticamente associado com o apagar da memória do mundo. Cessar o conhecimento humano grafado em papel, é, sem pestanejar, a interrupção da cosmologia social.

Se pensar além, como por exemplo, no Estado nos cenários de jogo de poder – como a censura – esta entidade ao longos dos anos retira de cena diversos atores sociais e o seu *ethos*. Se acompanhada do militarismo e da igreja os papéis de poder e hierarquia podem ser mais cruéis com os livros e leitores. Nesta perspectiva, os livros quando escritos por sujeitos que foram estereotipados e segregados por diferentes jugos, também sofrem com as capacidades de destruição do conhecimento pela ação humana, a partir de gestos de invisibilidade e segregação realizados pelos mecanismos de poder.

Neste ponto, convido o leitor a uma série de questões. Pensemos: se uma travesti, que não tem voz social, tem habilidade de escrita e publica o seu livro, ela estaria eleita para a venda e circulação entre os *best-sellers*? Se uma história onde as personagens se apaixonam não pela sua performance de cavalheiros e damas distintas da sociedade, mas sim pela transgressão desses papéis, essa obra seria exposta em uma prateleira dos *10 livros mais lidos* no mês? Enfim, desejo que você se questione, se as literaturas sobre as amantes lésbicas, os amores gays, o bem-querer de bissexuais, as paixões de travestis, os romances com transexuais, a juventude

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do *Lampião da Esquina*

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

millennial queer, a ternura entre intersexuais, ou a amizade entre assexuais são abertamente comercializados e midiaticizados.

Sem responder a estas questões, prontamente podemos observar a partir do mundo que nos circunda que, a dominação hegemônica subscreve os sujeitos nos círculos sociais. Assim, para compreender fenômenos que possam afetar a salvaguardada da literatura, este estudo tem como premissa aguçar o questionamento sobre o poder relativo ao jornal *Lampião da Esquina* na memória coletiva nacional.

Para que possamos, em conjunto (escritor e possíveis leitores), pensar possibilidades, trago como finalidade, ou objetivo: elucidar sobre o papel do *Lampião da Esquina* na midiaticização de autores e livros voltados para o público gay e lésbico brasileiro.

Para tratar desses assuntos carrego em meus escritos uma bagagem de livros, e outros documentos gráficos, que ajudarão a mim¹ e ao leitor no processo de compreender as subjetividades e todas as possibilidades que estes objetos do saber (os livros) carregam. A oportunidade dos 100 anos de Darcy Penteado é fortuito retornar ao *Lampião da Esquina* para observar a sua participação na midiaticização da literatura homoerótica e sáfica para leitores nacionais. Pois, apesar das lástimas que destroem o conhecimento do mundo, há na relação entre livros e humanos um gesto antropofágico. Um ato em que os sujeitos “comem” palavras que compõem histórias para se enriquecerem de conhecimento do *Outro*. “Devorar” um livro é, simbolicamente, absorver os conhecimentos de uma personagem, que é inscrita e descrita em palavras e páginas.

2 O LIVRO, O PATRIMÔNIO E A MEMÓRIA

¹ Neste estudo peço licença à Conceição Evaristo, pois me proponho a transcender a cientificidade e trazer para os campos de gênero e sexualidades a sua metodologia de escrivência ([2017]). Neste método o sujeito observa a si e ao mundo que o circunda na oportunidade de escrita epistemológica sobre experiências e vivências dos sujeitos e dos coletivos. Ainda, a oportunidade metodológica permite que a escrita se tornem mais próxima do desejo de criação, do pensar e de se expressar. Desse modo, à autoria que utiliza a escrivência é permitido que se debruce menos sobre os aspectos eruditos e academicistas e mais sobre dos relatos e da oralidade.

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do Lampião da Esquina

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Célebre foi Eduardo Frieiro (1980) quando propôs dizer que, os livros são nossos amigos. Uma vez que, se sabe que mineiros vivem de amores, poemas, lembranças e goiabada com queijo, os livros permitem que toda paixão e melancolia possam ser escritos para que depois sejam lidos, seja na forma de parágrafos, estrofes ou versos. Assim, os livros podem acompanhar os sujeitos nas diferentes atividades do cotidiano, no passar dos tempo e nas diversas fases da vida. Os livros são companheiros de jornada que, permitem praticar a “arte de pôr em jogo a imaginação por meio das palavras” (Frieiro, 1980, p. 34).

Bons exemplos dessa arte figurada, é a forma como os livros permitem o acesso às histórias realizadas pelos cânones e por artistas modernos. Seja a pedra no caminho de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987 – mineiro de Itabira). Ou, pelas memórias de uma mulher furacão que enfeitiçou Roberto Drummond (1933-2002) e virou memória de uma Belo Horizonte boêmia. É mister, que diversos autores já se propuseram a escrever sobre os vales e os morros das Minas Gerais, a sua gente, as suas belezas e as suas angústias. E, o que os une é o fato de que todos esses fragmentos são suportes para se acessar uma imensidão de memórias mineiras.

Nesse tocante de exemplos literários, mineiros e fabulosos, o afogo de Diadorim e o amor profundo e repreendido de Riobaldo é narrado por Guimarães Rosa (1908-1967 – mineiro de Cordisburgo) em o *Grande sertão: veredas*. Livro este que transcende o normativo, trazendo a homoafetividade representada no desejo dos jagunços. Quando Diadorim se transveste em Reinaldo para que consiga desbravar o sertão sem ser discriminada por seu sexo acaba despertando em Riobaldo desejos que este desconhecia. Podemos observar com este exemplo como o tecido social é permeado por costumes adquiridos culturalmente e, por consequência, seus indivíduos passam a se organizar a partir de discursos construídos a toque das hegemonias dominantes (Molina, 2011).

Para as pessoas que se identificam com a identidade de gênero travesti e para os homens que se orientam sexualmente e afetivamente como homossexuais e homoafetivos a narrativa supracitada permite que o paradigmas sejam rompidos. Alguns leitores de Guimarães Rosa

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do Lampião da Esquina

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

transpõe a vigilância e as estratégias de disciplinação de corpos e gestos por intermédio da leitura. Estes sujeitos leitores podem viver (ou aspirar) a curiosidade e o interesse de suas sexualidades, ainda que na vida pública sejam privados pela censura, controle e disciplinamento institucionalizados (Louro, 2019).

Se a vida de Reinaldo e Riobaldo for banida das estantes, ateadas ao fogo ou privadas pela censura explícita, caberia aos seus leitores um lugar de silêncio, de segregação e de apagamento. Seria impedido que estes leitores pudessem experimentar a verossimilhança com as personagens e o conhecimento de si e do mundo. Então, eles todos (autores, personagens e leitores) seriam privados de valores que são caros a eles e aos seus coletivos.

A partir desse breve exemplo podemos pensar que o patrimônio cultural literário é, portanto, um indicador prático da memória coletiva, que define o que seria comum aos sujeitos e aos seus grupos. De mesmo modo, como essa literatura reforça os sentimentos de pertencimento e, não obstante, as fronteiras social, culturais e políticas (Pollak, 1989). Assim, “[...] as datas e personagens históricas de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore e a música, e, por que não, as tradições culinárias [...]” são patrimônios da sociedade (Pollak, 1989, p. 1).

A memória é colocada em cenários de interpretações e reinterpretações, a dialética de lembrança e esquecimento é natural do processo de codificação, armazenamento e recuperação de informações. O processo ocorre no interior de nossas mentes ou em seu exterior, por meio de elementos distintos constituídos por objetos, linguagens e símbolos (Loureiro, 2015). Isto posto, quando não se fala da literatura voltadas para sujeitos que reconheçam como homossexuais em circuitos do livro, e/ou quando não há escolha de títulos gays e lésbicos (homoeróticos) para compor acervos e coleções, as escolhas afetam o processo natural da construção de memória, propiciando o silenciamento desses sujeitos e de seus saberes.

As dinâmicas estabelecidas pela dicotomia memória/ esquecimento refletem os embates em torno dos aspectos de legitimação e interesses múltiplos relativos à manutenção ou destruição de forças hegemônicas e às narrativas das circunstâncias [*sic*] gerados pelos interesses da atualidade (Loureiro, 2015).

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do Lampião da Esquina

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

O apagar da memória pode vir a ser um jogo político, em que forças hegemônicas (aquelas já conhecidas de longa data, como a igreja e o militarismo) se propõem a manipular os suportes da memória e realizar associações negativas pautadas em dogmas e morais para que o *Outro* seja inacessível. Este apagar é mais um dos artifícios de flagelo que causam destruição aos livros. Ações que interrompem o ciclo dos livros e cerceiam seus possíveis interagentes na busca de conhecimento.

Vejamos, para a construção da identidade os sujeitos sociais utilizam os suportes de memória para darem razão e lógica a sua existência (Pollak, 1989; Simões Júnior, 2013), assim a literatura escrita por, voltada para e que, narre de forma documental ou ficcional os sujeitos que se reconhecem como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e outros mais (LGBTQIA+) devem ser livres de apagamentos e compor acervos, estando disponível e sendo mercantilizadas para todos.

A criação de mundos paralelos ou de retratos sociais, em suma, a capacidade de relatar várias vidas, é a forja para o transporte entre corpos pela apropriação de páginas e palavras. As palavras funcionam como potentes mecanismos na construção dos sujeitos e as suas identidades. Me aproprio aqui do que foi dito e explicitado por Larrosa Bondía (2002, p. 20), trecho em que ele explica o poder de subjetivação das palavras:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras.

Portanto, uma vez talhada e serigrafada as palavras de um autor e as suas personagens representadas por esses signos linguísticos não deveriam nunca ser esquecidos ou despatriados.

3 A BIXÓRDIA: ESTANDO INSCRITOS NÃO HÁ COMO NOS DETER

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do Lampião da Esquina

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

O que se apresentou anteriormente nos permite aprofundar nas temáticas que pretendo tratar neste estudo. Antes, para que melhor se situe o leitor nos assuntos relacionados à literatura gay e lésbica – literatura homoerótica –, entre outras, é necessário entender primeiramente os sujeitos e as sexualidades. A partir disso, conceitualmente, para iniciar a abertura das mentes para o conhecimento do *Outro*, as sexualidades referem-se:

às construções culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto, até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade (Reis, 2018, p. 17).

Portanto, as sexualidades são partes das experiências sociais dos sujeitos. As homossexualidades (lesbianidade, homossexualidade, bissexualidade), bem como a assexualidade, são vividas, desenvolvidas e experimentadas em redutos de solidão por motivos de segregação hierárquica estipulada por órgãos de poder (novamente, as religiões, as políticas, o militarismo, a educação *etc.*), tal como é proposto por Sedgwick (2007).

Visto que pensamos e agimos pela palavras, o imaginário popular atrela automaticamente o termo sexualidade com comportamentos sexuais, estipula-se que a sexualidade humana esteja diretamente conectada ao comportamento sexual dos sujeitos. Isto, possivelmente, ocorre pelo comportamento erótico humano estar ligado à uma construção histórica, em que a sexualidade foi desenvolvida como um dispositivo social de autoafirmação da classe burguesa, assim este grupo se diferenciava da lascívia aristocrática e da promiscuidade das classes julgadas inferiores (Weeks, 2019).

Contudo, meu primoroso leitor em assombro, as sexualidades não se pautam apenas no sexo. São construções que envolvem também as construções afetivas sociais. O carinho e a ternura são também ligadas às sexualidades por trazerem cargas de sentimentos e emoções.

Para Killermann (2017) – que adapta para a contemporaneidade o que Albert Kinsey (1894-1956) pesquisou sobre o comportamento sexual humano – os sujeitos se orientam sexualmente, basicamente, pelos espectros da orientação sexual. Ou seja, um pequeno recorte social sobre o modo como os sujeitos se atraem sexualmente pelo sexo diferente (homens por

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do Lampião da Esquina

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

mulheres / mulheres por homens), por ambos os sexos (homens por homens e mulheres / mulheres por mulheres e homens), pelo mesmo sexo (homens por homens / mulheres por mulheres) e não sentem atração sexual (Figura 1).

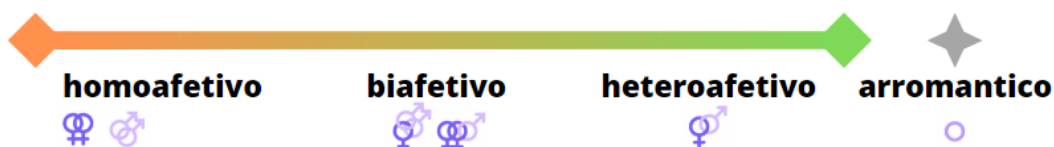
Figura 1 – espectro da orientação sexual.



Fonte: baseado em Killermann (2017).

De mesmo modo, pela ótica pequeno recorte cultura e comportamental, os sujeitos podem se orientar pelo espectro da atração sentimental. Ou seja, um vislumbre de como os sujeitos se atraem sentimentalmente pelo sexo diferente (homens por mulheres / mulheres por homens), por ambos os sexos (homens por homens e mulheres / mulheres por mulheres e homens), pelo mesmo sexo (homens por homens / mulheres por mulheres) e não se envolvem afetivamente (Figura 2):

Figura 2 – espectro da atração sentimental.



Fonte: baseado em Killermann (2017).

Dessa forma, tem-se um desenho da pluralidade que a sexualidade humana é representada socialmente. Não é algo estático e determinista, as sexualidades são dispostas em um espectro justamente para ser um dispositivo que varia e está em eterno desenvolvimento.

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do Lampião da Esquina

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Visto que a sexualidade não é apenas um conceito histórico ou antropológico e biológico, são paradigmas sociais em construção (Weeks, 2019).

É preciso salientar que a homossexualidade é “mais que um comportamento sexual entre as pessoas do mesmo sexo, é mais que a orientação do desejo sexual para pessoas do mesmo sexo, e é mais que nutrir afetos por pessoas do mesmo sexo” (Prado; Machado, 2012, p. 28). Os complexos arranjos sociais e culturais criados pelos seres humanos faz como características não sejam limítrofes para as expressões das sexualidade.

No século XIX a sociedade moderna cria o casal heterossexual como um bastião das sexualidades, ele é apto ao matrimônio hétero, reduz os desejos ao que é diferente de si, manipula os prazeres íntimos para que a mente não vagasse pelos vales do hedonismo (Foucault, 2020). Todos esses artificios desenham hierarquias (superior e inferior) e dicotomias “privado/público, dentro/fora, sujeito/objeto” (Miller, 1988 *apud* Sedgwick, 2007, p. 21).

Diante da construção da memória e da institucionalização de patrimônios os livros (tecnologias sociais do conhecimento) se tornam grandes amigos, companheiros de jornada para as sexualidades em trânsito. Os livros e as suas narrativas também estão junto com os seus leitores em armários invisíveis (Sedgwick, 2007). Pois, desde o século XIX escreve-se sobre as sexualidades e, desde lá, algumas literaturas são reconhecidas como demarcações importantes na literatura LGBTQIA+. Porém, estão no lusco-fusco do imaginário popular, como se o gris das tardes fizesse com que estes livros pudessem não ser notados.

Este é o caso de Amaro, personagem publicada no final do século XIX, propriamente em 1895, por Adolfo Caminha (1867-1897 – cearense de Aracati). O autor dominado pela Escola do Naturalismo, cria um notório livro amigo para homens gays letrados. *Bom-Crioulo* traz pela primeira vez em terras brasileiras um escravizado foragido à serviço da marinha, que se apaixona pelo jovem Aleixo que, é motivo de deleite tanto de Amaro quanto de D. Carolina. O triângulo amoroso e sexual é narrado de forma explicitada, traz em suas páginas as margens do social brasileiro ao descrever as camadas sociais e as desigualdades da sociedade de sua época. Além disso, torna público o amor entre pessoas do mesmo sexo, neste caso dois homens.

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do *Lampião da Esquina*

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

3.1 Literatura homossexual: capas, margens e esquinas

Como visto, temos literatura com personagens gays em foco nas tramas literárias que datam de mais de 100 anos. Se você, leitor desconhecia de *Bom-Crioulo*, visto que Adolfo Caminha é um célebre escritor brasileiro, aqui já compreendemos que esta literatura por ser voltada para pessoas colocadas à margem do social sofre de apagamentos e de segregação. O que conta Adolfo Caminha sobre o amor e desejo entre Amaro e Aleixo é dado ao descaso. Quando a proposta de apagamento da memória literária não permite que este livro seja lido de forma pública e ampla é um aspecto de injustiça social, pois os seus possíveis leitores desconhecem a sua existência por meio de ações cerceadoras, sejam estas censuras espontâneas ou despercebidas.

Para que o leitor gay e lésbico brasileiro tivesse mais conhecimento do patrimônio literário que contava de seu cotidiano o jornal *Lampião da Esquina* se dispôs a mediar a informação sobre livros e autores(as) escritos e inscritos(as) dentro da cena homossexual brasileira no período de abertura política da Ditadura Militar brasileira, entre 1970 e 1980. O desbunde sobre as sexualidade e a literatura para pessoas gays foi pauta do jornal desde a sua primeira capa, em edição experimental (Figura 3), em que anuncia Darcy Penteadado (1926-1987 – paulista de São Roque), Celso Curi (1952 – paulistano de São Paulo) e Garcia Lorca (1898-1936 – espanhol de Fuente Vaqueros, Espanha). O número três trouxe na capa Norma Bengell (1935-2013 – carioca do Rio de Janeiro). Na edição de outubro de 1978 o *Lampião da Esquina* trouxe em sua capa Cassandra Rios (1932-2002 – paulistana de São Paulo).

Figura 3 – *Lampião da Esquina* nº 0, 3 e 5.



O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do *Lampião da Esquina*

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Fonte: *Lampião da Esquina* (1978-1981).

Para os exemplos da figura, o jornal além de dar destaque em capa ainda mediou e comercializou na *Biblioteca Universal Guei* os livros:

- de Darcy Penteadado – *A meta; Crecilda e espartanos; Teoremambo;*
- de Norma Bengell – *Mulheres da vida;*
- de Cassandra Rios – *Macária; Tessa, a gata.*

Seriam estes homossexuais (pessoas autoras e leitoras) livres para viver suas sexualidades se não fossem as censuras que cerceavam suas vidas. Estes autores e autoras falavam de suas fantasias românticas, sentimentais e eróticas em colunas de jornal, em exposições de arte, e claro, nas literaturas. Ainda que houvesse censura e fortes represarias, é observado no anúncio que Cassandra Rios não perdia a vontade de escrever e deter em palavras o que era significativo para si.

No número nove, publicado em fevereiro de 1979, traz nas capas os nomes de Aguinaldo Silva (1943 – pernambucano de Carpina) e João Silvério Trevisan (1944 – paulista de Ribeirão Bonito), que ao lado de Adão Costa, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas e Peter Fry compuseram o núcleo de senhores do conselho do *Lampião da Esquina*. O jornal nasceu quando João Antônio Mascarenhas entrevistou Winston Leyland, editor do *Gay*

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do *Lampião da Esquina*

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Sunshine, alicerçando o movimento homossexual brasileiro. Movimento demarcado pelas experiências das culturas internacionais, tanto nos Estados Unidos da América quanto em países europeus (Prado; Machado, 2012; Simões Júnior, 2013).

Na capa do número 10 (Figura 4) o autor João do Rio (1881-1921 – carioca do Rio de Janeiro) é comparado com Oscar Wilde (1854-1900 – irlandês de Westland Row). E no segundo número extra do jornal temos Francisco Bittencourt (1933-1997 – gaúcho de Itaqui).

Figura 4 – *Lampião da Esquina* nº 9, 10 e Extra 2.



Fonte: *Lampião da Esquina* (1978-1981).

Dos autores citados a *Biblioteca Universal Guei* mediou e comercializou os livros:

- de Aguinaldo Silva – *No país das sombras; O crime antes da festa; Primeira carta aos andróginos; República dos assassinos; As tias;*
- de João Silvério Trevisan – *Testamento de Jônatas deixado a Davi;*
- de Oscar Wilde – *A tragédia da minha vida; O fantasma de Canterville;*
- de Francisco Bittencourt – *A bicha que ri.*

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do *Lampião da Esquina*

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

No número 29, já no terceiro ano do *Lampião da Esquina*, estampa em sua capa a travesti Ruddy Pinho (1944-2021 – belo-horizontina de Minas Gerais). Em sua terceira edição extra de 1980 o nome de Manuel Puig (1932-1990 – espanhol de General Villegas, Argentina) estampa a primeira página, logo abaixo é anunciada entrevista dada pelo parisiense Jean-Paul Sartre (1905-1980), o filósofo fala à *Gai Pied* sobre homossexualidade e as masculinidades forjadas pela heterossexualidade compulsiva (Figura 5)

Figura 5 – *Lampião da Esquina* nº 29 e Extra 3.



Fonte: *Lampião da Esquina* (1978-1981).

Dentre os autores listados a *Biblioteca Universal Guei* trouxe:

- de Ruddy Pinho (que publicou como José Maria de Pinho) – *Eu, Ruddy*;
- de Manuel Puig – *O beijo da mulher aranha*.

Estes são apenas alguns exemplos de como o *Lampião da Esquina* colocou em evidência o patrimônio literário LGBTQIA+ brasileiro e se tornou um lugar de memória para estas pessoas. Embora o jornal tenha sido encerrado ainda nos anos 1980 as informações trazidas por ele são pontos de referência para a memória coletiva. Ao se preocupar em organizar as

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do *Lampião da Esquina*

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

informações sobre os livros então mediados, o jornal se torna um ponto de recuperação da informação.

Por meio da bibliografia comercial (*Biblioteca Universal Guei*) que continha o nome da pessoa autora, o valor do livro, um breve resumo e, em alguns casos as capas dos livros, o jornal deixa registrado culturalmente seus esforços para retirar os sujeitos das margens da invisibilidade postas pelos alçózes da censura e controle institucionalizado dos corpos. Neste gesto que tinha pretensões mediar e comercializar a literatura LGBTQIA+, o *Lampião da Esquina* se torna um dos percussores na experiência de verossimilhança abertamente publicizada e midiaticada.

4 MEDITAÇÕES SOBRE A LUZ DO LAMPIÃO

O *Lampião da Esquina* assume lugares públicos de informação e de memória coletiva, “atua como acontecimento fundador, instaurando uma ruptura com o modelo do discurso de gênero dicotomicamente estabelecido” (Simões Júnior, 2013, p. 55). Em sua época, e ainda hoje, o jornal se torna um elemento onde os sujeitos que se orientam como LGBTQIA+ se reconhecem como comunidade, por meio de suas capas, entrevistas, seções, anúncios e bibliografia. É preciso destacar que este dispositivo informativ funcionava junto com o serviço de comercialização livreira.

Entre os anos de 1978 e 1981, o *Lampião da Esquina* publicou ao todo 41 edições (o número experimental, três edições extra – tiragem mensal, corrente e sem lacunas) publicadas em solo brasileiro, com sede no Rio de Janeiro e mais tarde também em São Paulo. O jornal já chegou a atingir uma tiragem de 20 mil exemplares, por edição. O seu número experimental, em abril de 1978 foi distribuído gratuitamente em *points* da cena gay carioca. Posteriormente foi comercializado com valores entre Cr\$15,00 e Cr\$ 60,00.

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do *Lampião da Esquina*

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Na edição de número 1, publicada em maio de 1978, o jornal traz nas suas notícias de capa o anúncio das poesias de Augusto Schmidt (1906-1965 – fluminense de Flamengo) e Mario de Andrade (1893-1945 – paulistano de São Paulo) e traz na seção *Opinião* um relato sobre a invisibilidade da margem institucionalizada por mecanismos de poder:

As lutas das mulheres, dos negros, dos homossexuais, dos índios [*sic*], dos prisioneiros – categorias historicamente silenciosas – têm nos ensinado que a História tem sujeitos e objetos, aqueles que fala e aqueles de quem se fala, mas também que os sujeitos variam ao longo desse processo. Estas lutas têm ainda nos ensinado que o conhecimento pode ser sinônimo de poder e que a fala torna visíveis questões concretas mas não reconhecidas, não registradas, portanto sem existência histórica. Essa fala, no entanto, ao mesmo tempo que revolucionária é conservadora por ser parte de uma linguagem, desta mesma linguagem que por tanto tempo manteve invisíveis as categorias de pessoas que agora começam a tentar um autorreconhecimento tentando [*sic*] afirmar-se como sujeitos de sua própria história (Mariza, 1978, p. 02).

A partir desse parágrafo podemos trazer para análise a nossa questão inicial e positivar o papel do *Lampião da Esquina* na construção da memória coletiva brasileira. O jornal foi instalado no cotidiano urbano e conseguiu desobedecer a ordem censora e ditatorial que propunha a morte e a morte simbólica privando os sujeitos de adquirir conhecimento de si, do *Outro* e do mundo.

As informações recordadas pelo jornal permitem aos seus leitores (antigos e novos) a sentissem pertencentes socialmente, pois se informar permite o pensamento crítico, o que leva às rupturas das práticas hegemônicas e excludentes. “As múltiplas vozes que ecoam em *Lampião* constroem, a cada edição, a possibilidade de novos lugares de enunciação para o homossexual, além de novos sentidos em seus discursos” (Simões Júnior, 2013, p. 73).

A memória social é construída na comunidade LGBTQIA+ por meio da reconstrução de signos sociais via literatura comunicada no *Lampião da Esquina*, permitindo a consolidação de patrimônio literário brasileiro e da identidade dos sujeitos postos à margem do social (Loureiro, 2015).

Em mesma época, o *Lampião da Esquina* passa a mediar a literatura homoerótica, nacional e internacional por meio da seção *Biblioteca Universal Guei*. O gesto bibliográfico e

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do *Lampião da Esquina*

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

comercial inscrevem na sociedade brasileira uma gama de autores e histórias que falam de, sobre e para o público LGBTQIA+.

Neste movimento complexo de informações sobre sexualidades homossexuais, as literaturas LGBTQIA+ são, de forma evidente, patrimônios culturais. Uma vez que, patrimônio é uma construção que atravessa as experiências coletivas “[...] ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais” (Pollak, 1989, p. 01).

Desse modo, podemos pensar que, ainda que as sexualidades tenham sido inseridas na dialética do poder, as personagens dissidentes desta literatura são, pelos atos de transgressão, lutas políticas e manifestações sociais parte da construção histórica e da cultural nacional. O patrimônio literário brasileiro não pode ser descrito sem o seu nicho voltado para as sexualidades dissidentes.

5 DERRADEIROS MOTIVOS PARA COMPORTAMENTOS TRANGRESSORES

Iniciei escrito prometendo intrigas informacionais acerca da memória do muno. Pois bem, percebam que dentre os diversos signos que formam nossa identidade como a data de nascimento e a regionalidade são dispositivos de pertencimento e foram trazidos junto aos nomes dos(as) autores(as) citados(as). O registro dessas informações são meios de transportar a memória do leitor para outro local no tempo-espaço e assim poder usar o imaginário para elaborar em sua mente como seriam os homens e mulheres de suas épocas rompendo as tradições, dogmas e moralismos.

O *Lampião da Esquina*, trouxe para os sujeitos de sua época uma abordagem cultural que iria para além da norma social. As suas colunas de literatura e poesia, as entrevistas e notícias sobre pessoas autoras, diversas capas instituindo o livro como uma necessidade intrínseca aos

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do *Lampião da Esquina*

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

humanos fazem do jornal um dos pioneiros na mediação e comercialização da literatura LGBTQIA+ em território brasileiro.

Sobre as ações do *Lampião da Esquina*, é notável dizer que não foi sem esforço e sem danos que hoje podemos usar as páginas do jornal como suporte de memória. Ainda que ações censoras modulassem mentes para que os sujeitos fossem colocados as margens, contudo as suas histórias foram preservadas e acessadas passados 45 anos. Podemos assim acreditar que, o conhecimento do *Outro* se torna invisível a depender de agentes de poder, por tanto é necessário transcender para sejamos resistência.

Por esses motivos que as lutas são diárias. As estratégias sociais e culturais uma vez que estão dadas não podem ser totalmente extinguidas ou diminuídas, sempre deve haver uma voz para levantar a pauta das sexualidades e suas representações. Mesmo que os intolerantes chamem de minoria as mulheres, os negros, as sexualidades não-heteronormativas e as pessoas com deficiência, estas estão representadas no seio social. Estes sujeitos desenham a sociedade, ainda que dentro de pequenos círculos elas/es constroem identidades por meio do conhecimento transmitido.

Vimos que os livros são tecnologias com poderes simbólicos, são amigos e são alicerces para que possamos construir uma sociedade mais justa e possibilitar a diminuição das lacunas sociais. A diversidade pela qual os sujeitos se compreendem precisam ser acessadas por narrativas para que os conhecimentos sejam universalizados.

Finalmente, podemos dizer que o trabalho do *Lampião da Esquina* em mediatizar as pessoas autoras e as suas obras (nas capas, nas poesias, nas literaturas e na sua bibliografia comercial, a *Biblioteca Universal Guei*) realiza um trabalho de objeto de memória. Foi observado um pequeno recorte dentre a diversidade de autores nacionais que escreveram sobre fantasias, realidades das personagens e vidas de pessoas LGBTQIA+, isso faz com que os possíveis leitores fortaleçam suas identidades e sintam-se representados. Agora é esperado que o jornal permaneça mantido (fisicamente e digitalmente) para que outros leitores e outras

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do Lâmpião da Esquina

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

pesquisas possam ser feitas, o contrário disso é dar ao azar o prazer de apagar uma centelha que constrói a memória do mundo.

REFERÊNCIAS

ESCREVIVÊNCIA. *In*: ANCESTRALIDADES. [S.l.]: ItáuCultural : Fundação Tide Setubal, [2017]. Disponível em: <https://www.ancestralidades.org.br/termos-e-conceitos/escrevivencia>. Acesso em: 14 maio 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: 1. vontade de saber. 10. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2020. v. 1.

FRIEIRO, Eduardo. **Os livros nossos amigos**. 4. ed. Belo Horizonte: 1980.

KILLERMANN, Sam. **A guide to gender**: the social justice advocate's handbook. 2. ed. Texas [EUA]: Impetus Books, 2017.

LÂMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, ano 1-3, n. 0-29, [entre 1978 e 1981]. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 14 maio 2025.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], [s.n.], n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. Informação, memória e patrimônio: breves considerações. *In*.: NETTO, Carlos Xavier de Azevedo (org.). Informação, patrimônio e memória: diálogos interdisciplinares. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015

LOURO. Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*.: LOURO. Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Autêntica, 2019.

MARIZA. Nossas gaiolas comuns. **Lâmpião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 25 maio 2018. Opinião. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/05-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-01-MAIO-JUNHO-1978.pdf>. Acesso em: 14 maio 2025.

MOLINA, Luana Pagano Peres. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do *Lampião da Esquina*

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

movimento homossexual. **Antíteses**, Londrina, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/7153>. Acesso em: 14 maio 2025.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades e hierarquia da invisibilidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

REIS, Toni (org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI; GayLatino, 2018. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 14 maio 2025.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, [s.l.], [s.n.], n. 28, p. 19-54, jan./ jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 maio 2025.

SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. ...**E Havia um lampião na esquina**: memórias identidades e discursos homossexuais no Brasil, do fim da ditadura (1978-1980). 2. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In.: LOURO. Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Autêntica, 2019.

AGRADECIMENTOS

Pela ação de salvaguarda do patrimônio jornalístico guei brasileiro, coloco os meus agradecimentos ao Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX) e ao Grupo Dignidade. Sem esses repositórios a memória do *Lampião da Esquina* talvez não pudesse ser acessada.

O espectro do patrimônio homossexual e sáfico brasileiro nas páginas do Lampion da Esquina

DIOGO ROBERTO DA SILVA ANDRADE

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 15 de maio de 2025

Aceito para publicação em: 05 de agosto de 2025